



PALAVRAS PARALADA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRIS

Coord.: José Reis Um trabalho coletivo do CES



















PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coordenador

José Reis

Editor

Centro de Estudos Sociais Universidade de Coimbra

Revisão Científica

Ana Cordeiro Santos, António Sousa Ribeiro, Carlos Fortuna, João Rodrigues, José Castro Caldas, José Reis, Pedro Hespanha, Vítor Neves

Revisão Linguistica

Ana Sofia Veloso, Alina Timóteo

Design e Paginação

André Queda

Julho, 2020

Este trabalho é financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto UIDB/50012/2020.

Os dados e as opiniões inseridos na presente publicação são da exclusiva responsabilidade dos/das seus/suas autores/autoras.

ISBN

978-989-8847-25-6

METRÓPOLES E REDES DE CIDADES

José António Bandeirinha

Desde o dealbar do higienismo, há dois séculos atrás, as cidades começaram a ser culpabilizadas pelas catástrofes sanitárias que atormentavam as suas populações. Entre outras razões, o agravamento dessas responsabilizações conduziu às utopias antiurbanas do século passado. Com o desenvolvimento da metrópole, que advém da afluência da força de trabalho às grandes capitais e aos centros industriais do século XIX, essas utopias foram granjeando um élan acrescido. A cidade, por seu lado, existe pelo menos desde o Neolítico. Até à Revolução Industrial, tinha antinomias territoriais claras: o campo e o espaço natural não humanizado. A cidade polarizava sempre esse território envolvente. A metrópole resulta do crescimento desmesurado de uma determinada cidade, uma cidade que cresceu sobre as outras que lhe eram próximas, absorvendo-as. Cresceu tanto que gerou uma outra entidade, o subúrbio. Este divide-se por sua vez em duas ordens de espaços: os que ambicionam ser cidade — os subúrbios *pobres*; e os que ambicionam ser espaço natural — os subúrbios *ricos*. O seu alastramento exacerbado, sobretudo depois da Segunda Guerra Mundial, gerou um território culturalmente pobre, indiferenciável e muitas vezes inominável. É disso exemplo o que se passa em Portugal, quando as elites metropolitanas falam de interior para se referirem a tudo o que não é da sua própria proximidade, ignorando a diversidade territorial do país.

A discussão sobre o futuro urbano é muito importante. De que forma podemos então preparar os espaços humanamente mais densos para esse futuro? De muitas formas, embora, dada a circunstância, umas mais emergentes que outras, sem dúvida. Podemos tentar centrar-nos sobre uma delas: as potenciali-

dades genericamente chamadas cidades médias. Desde logo, muita coisa há a fazer para melhorar a sua atratividade. Qualificar estas densidades, do ponto de vista do conforto e da sustentabilidade é viável, é mais viável que na metrópole.

A qualificação competitiva das nossas cidades de média dimensão pode e deve constituir-se como uma alternativa à exclusividade da capitalidade metropolitana. Para tal é necessário identificá-las, quer pelo seu caráter intrínseco, quer pelo modo como historicamente polarizavam os seus territórios. É necessário dotá-las de intervenções públicas e privadas qualificadoras dos seus espaços e potenciadoras da manutenção da sua identidade patrimonial. É necessário inverter o seu processo de decadência económica, cultural e, acima de tudo, política. Atualmente, a decadência da cidade não se justifica só com o poder de absorção da metrópole, é uma decadência de índole económica sim, mas é sobretudo uma decadência do seu significado político, da sua representatividade política.

Para que possa assumir um significado consentâneo com o seu valor social, cultural e económico, o território nacional tem que ser polarizado pela ideia de pertença a uma célula territorial mais próxima e mais significativa que a da capital, por um lado, e mais forte e polarizadora que a do concelho, por outro. A ressignificação cultural do território passa pela pertença ao espaço capitalizado (aqui em ambos os sentidos) pela cidade A, ou B, ou C. E o alargamento dessa polarização conduz à identificação de uma rede urbana mais densa que a das metrópoles, a qual, por sua vez, se deveria instituir através de um desígnio nacional – uma política de cidades.